

Apenas Homens 3.0: A Violência Simbólica e a Manipulação Digital do Espetáculo no Facebook¹

Letícia SCHINESTOCK²

Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

Resumo

O presente trabalho busca observar as nuances da comunicação mediada pelo computador e da comunicação face a face que apesar de ocorrerem em ambientes extremamente diferentes, se assemelham em alguns aspectos, um deles é a escrita falada e a troca de turnos. Três postagens foram retiradas de uma página do Facebook para contribuir na discussão sobre como a socialidade é estabelecida online e como a representação do self parece estar se tornando cada vez mais complexas, pois trata-se de uma manipulação digital. Por fim, o tema escolhido para avaliar esses elementos é a dominação masculina manifestada a partir da violência simbólica perpetuada e reforçada no e pelo agrupamento em questão.

Palavras-chave: violência simbólica; facebook; representação do self; socialidade; dominação masculina.

INTRODUÇÃO

Nunca foi tão complexo atuar. Deveria ser fácil, afinal, são milhares de possibilidades e máscaras só esperando alguém se apropriar e dar início a um verdadeiro show. Mas a mediação do computador modificou, e muito, a clássica “teatralidade cotidiana”, proposta por Goffman(1973), onde a sociedade serviria como palco onde se representariam diversos papéis simultaneamente. Existem atores que constroem uma dramaturgia do “*self*” e a apresentam para a plateia, que também é composta de outros atores, com outras máscaras, roteiros e improvisações. Há uma região de fundos, os bastidores, como explica Goffman (1973), local onde o ator se liberta das máscaras e passa a ser quem ele “realmente” é, fora de câmeras e holofotes. Quando a representação é feita através da mediação da tecnologia, então, o teatro tende a ficar mais complexo e delicado. Este artigo tem o objetivo de observar como essa representação digital acontece em uma comunidade específica do Facebook, site de rede social escolhido para análise, uma vez que o sentimento de pertença entre os sujeitos parece estar cada vez mais raro.

Há uma constante busca pelo reconhecimento do outro e, se tratando de um mundo líquido (Bauman,2007) e com prazo de validade, o tempo parece urgir mais rápido. As relações são superficiais e provisórias, fato que de acordo com o pensamento de Bauman,

¹ Trabalho apresentado no GP de Cibercultura do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação sob a orientação da Profa Dra. Raquel Recuero, do PPGL/UCPEL, email: raquelrecuero@gmail.com

² Mestranda do Curso de Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (PPGL/UCPEL), email: le.rschin@gmail.com

pode influenciar diretamente na insegurança que circula entre os sujeitos, onde uma das possíveis causas é a ausência do pertencimento. Atualmente esta busca por pertencimento se intensifica com as tecnologias que mediam as relações e fazem com que o indivíduo viva uma constante busca, agora sem a necessidade da presença física. São nas particularidades dessas tecnologias que pretendo encontrar indícios de violência simbólica (Bourdieu, 1930) em uma comunidade com valores claramente definidos e defendidos como machistas, a fim de indicar algumas das possíveis formas que a socialidade online assume diante da rede e como essa comunicação mediada pelo computador (CMC), apesar de distante, pode se apresentar com características orais, semelhantes à comunicação face a face.

CIBER-SOCIALIDADE

Através de uma representação online, a vida social contemporânea está imersa em uma espécie de “ciber-socialidade”, como explica Lemos(1997), onde o que se destaca não é somente um espetáculo do *self* ideal, mas uma “manipulação digital” do espetáculo. O autor situa como opostos a sociabilidade e a socialidade, propostas por Maffesoli (1984, 1987, 1990, 1992, 1996), em que seria a socialidade a grande marca das sociedades ocidentais contemporâneas. Maffesoli entende a socialidade como:

Um conjunto de práticas cotidianas (hedonismo, tribalismo, presenteísmo) que escapam ao controle social e que constituem o substrato de toda a vida em sociedade, não só da sociedade contemporânea, mas de toda a sociedade. (Lemos, 1997, p.1)

O mito grego de Dionísio³, deus equivalente ao romano Baco, aquele que confunde a insanidade com a divindade e não mede esforços para satisfazer seu prazer imediato e até mesmo “tóxico”, é utilizado por Maffesoli para apontar que tais práticas cotidianas, assim como o próprio imaginário contemporâneo está envolto em valores “dionisíacos”, fazendo da socialidade uma multiplicidade de experiências coletivas que nem sempre têm o intuito de homogeneizar as relações, muito pelo contrário, baseiam-se no ambiente passional, violento e erótico dos “homens sem qualidade” (Musil, *apud* Lemos, 1997). O fato é que a tecnologia só tende a ampliar e potencializar o efeito destas situações.

Sobre o conceito de socialidade (Maffesoli, 1984), Lemos aponta a sociedade tribal contemporânea sustentada por milhares de máscaras que seriam construídas a partir de uma “ética da estética” e não a partir de uma moral universal, isto é, como se a sociedade elaborasse uma espécie de *ethos*⁴. O foco no presente, apenas no imediato, sem interesse no que está por vir é um conceito chave para entender a socialidade que Maffesoli fala. Seria o

³ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dioniso>

⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos>

“presenteísmo”, nada seria estanque ou fixo, mas fundamentalmente efêmero. É algo semelhante que Bauman(2007) concebe como a liquidez moderna. Outro elemento importante para o conceito de socialidade é o momento de transição do indivíduo clássico à tribo, onde o indivíduo – antes com uma função – agora tem um papel a representar, independentemente se ele for hipócrita, hedonista e passageiro.

Uma vez mediados pelo computador, os roteiros se alteram e os papéis se entrecruzam. O espetáculo, explica Lemos, seria a representação do mundo a partir dos mass media⁵, enquanto a cibercultura surgiria como uma simulação do mundo pelo indivíduo que se apropriaria da tecnocultura⁶ para representar seu mundo. A tecnologia, muito julgada pela alienação, individualismo e desencanto capaz de causar em seus usuários, hoje se mostra um elemento intrínseco no social e que reorganizou a sociedade a partir da introdução da socialidade na técnica (Lemos, 1997). O autor fala da simbiose da socialidade contemporânea com a técnica, uma união que está na essência da (ciber) cultura, onde já não se pode separar a técnica e a socialidade. Segundo Lemos:

Talvez estejamos vivendo uma reversão do processo de isolamento individualista moderno, buscando, pelas tecnologias (o que é estranho), uma nova forma de agregação social (eletrônica, efêmera e planetária). A cibercultura, esse “estilo” da cultura técnica contemporânea, é o produto social e cultural da sinergia entre a socialidade estética contemporânea de que nos fala Maffesoli e as novas tecnologias (Lemos, 1997, p.3/4)

Essa nova forma de procurar pertencer a um ambiente, o virtual, torna o processo de representação dos atores senão difícil, um bocado diferente. Neste espaço não há como contar com os elementos não verbais e não há suportes estáveis na comunicação. Isto quer dizer que ao buscar constituir novas relações na rede, o ator precisa construir não só sua representação como personagem, mas também criar contextos que eram inexistentes até a instauração da conversação e adequar suas práticas sociais, ensaiadas e cuidadosamente aperfeiçoadas, a um universo simbólico que não se sabe nem bem o que é. Isso modifica as interações que antes eram faladas e agora passam a se constituir especialmente através de textos. Há abreviações (vc, pq, blz, etc.) e novas convenções linguísticas na internet. São dessas diferenças entre a comunicação face a face e a comunicação pela internet que trataremos a seguir.

O TEXTO FALADO NA INTERNET

Embora ocorra pela mediação do computador, a conversação online também tem características da comunicação oral, realizadas em contextos off-line. É basicamente o que

⁵ [http://www.infopedia.pt/\\$mass-media](http://www.infopedia.pt/$mass-media)

⁶ André Lemos utiliza o termo “tecnocultura” para identificar a cultura técnica moderna baseada na eletro-mecânica e nas ideologias da modernidade.

Hilgert (2006) busca estabelecer com suas comparações entre a conversação face a face (CFF) e a conversação na internet (CINT), afirmando que embora a mediação do computador faça da CINT uma conversação necessariamente escrita, ela também se apresenta características da fala. O autor define os termos fala e escrita a partir de Koch e Oesterreicher (1994,1990, 1985), onde há dois sentidos no emprego do termo. O primeiro seria referente à manifestação fônica X manifestação gráfica e o segundo diria respeito às diferentes maneiras de concepção de um texto. Segundo o autor:

Um discurso acadêmico, por exemplo, embora seja um texto falado do ponto de vista de sua realização fônica, é, conceptualmente, um texto escrito. Já uma carta pessoal para um amigo íntimo, ainda que se realize por escrito, aproxima-se, conceptualmente, de um texto falado. A noção de concepção, nesta abordagem, é definida com base (a) nas condições de comunicação do texto e (b) nas estratégias adotadas para sua formulação. (Hilgert, 2006, p.2/3)

Desta forma, a representação do ator precisa ser ajustada às limitações impostas pela ferramenta que, por mais que também apresente semelhanças e faça com que o usuário se sinta em uma interação falada, ainda é fundamentalmente estabelecida por escrito. Uma peculiaridade da CINT, conforme veremos logo à frente, é que a conversação entre ator e plateia é invisível, isto é, pode-se ter noção de uma possível audiência, mas na CINT jamais haverá pleno controle de quem está na plateia assistindo às representações. Hilgert explica que durante a CFF os atores acompanham e participam ativamente na construção do enunciado. Acontecem intervenções, situações imprevistas, interrupções. Também se conta com o nervosismo, os lapsos de fala, as repetições, correções e etc. São procedimentos inerentes à conversação e que significam muito no processo de compreensão da mensagem.

O mesmo não ocorre na CINT, onde são eliminados todos os elementos não linguísticos que dariam suporte à CFF. A ênfase de Hilgert (2006) é no sistema de alternância de turnos na CINT. Um dos aspectos mais característicos da CFF é a alternância de turnos. Hilgert (2006) entende por turno “aquilo que um indivíduo faz e diz, enquanto está na vez de falar”⁷. Assim, cada pessoa tem sua vez de falar organizada em forma de turnos, que garantem que todos falem, mas não pode se responsabilizar se houver algum tipo de sobreposição de vozes, o que já pode ser assegurado pela CINT, uma vez que a transição de turnos é obrigatoriamente determinada pelo meio (Murray, 1989). Segundo Hilgert:

O fato de os “falantes” não estarem numa situação face a face, de não saberem quem são seus interlocutores e de terem de traduzir seus enunciados por escrito, ainda que conceptualmente se sintam falando,

⁷ Goffmann, *apud* Henne e Rehbock (1982,p. 22 e 23).

imprime à transição de turnos um caráter maquinal, previsível, planejado, no sentido de que essa conversação transcorre de acordo com os limites e as possibilidades da programação de um sistema eletrônico. Mas maquinal aqui também se opõe a humano, na medida em que a transição de turnos, na conversação face a face, mais do que uma simples alternância de enunciados linguísticos, envolve identidades e histórias humanas. (Hilgert, 2006, p.15)

Esta última afirmação de Hilgert vai ao encontro do que Recuero (2009) observa. A autora leva o contexto da conversação para a internet e passa a percebê-lo a partir de suas especificidades, indicando novos traços particulares da comunicação mediada pelo computador (CMC). O capital social e os laços sociais pertencentes às conversações online são negociados e ficam visíveis em sites de redes sociais, facilitando a apreensão de elementos linguísticos que possam indicar o nível de envolvimento de cada ator em sua rede (Recuero, 2009).

Cabe salientar ainda que a autora apresenta os sites de redes sociais - como o Facebook - como reflexos das estruturas sociais off-line, só que modificada pelos atores que interagem na rede. A maneira com que a conversação é realizada tende a gerar laços sociais, que vão expor valores construídos entre os atores. Entre as características da CMC que mais considero relevantes, cito a potencialização e amplificação de receptores da mensagem, a possibilidade do anonimato e a construção de identidade e capital social a partir dessa apropriação. Tudo, é claro, levando em conta que a CMC tem memória e pode ser revivida devido aos rastros deixados – mesmo sem intenção. Finalmente, farei algumas observações sobre a violência simbólica e de como a dominação masculina pode se fazer presente e ajudar na perpetuação de estigmas socialmente estabilizados.

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Não há como falar em papel feminino e masculino sem ao menos lembrar da violência simbólica e do *habitus* propostos por Bourdieu (1930). O autor defende uma violência velada que se deriva de uma construção social na qual os valores simbólicos de uma determinada classe dita dominante são internalizados e naturalizados, passando a serem propagados como elemento de uma cultura 'superior'. Trata-se de um processo de intervenção no arbitrário cultural, no qual a concepção cultural dos grupos e classes dominantes impõe a toda sociedade um direcionamento pré-determinado, mesmo que de maneira inconsciente.

Esta violência, diferentemente da violência física, encontra-se imersa nas relações sociais e entrelaçada a formas invisíveis de coação que ganham suporte e apoio, muitas vezes, em preconceitos e crenças coletivas. O poder simbólico só se instaura quando o

sujeito que está em condição inferior concede ao outro o poder de dominação, ou seja, “é um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe” (Bourdieu, 1930, p.188). Complementando a ideia de consentimento proposta por Bourdieu, Norbert Elias (2000) afirma que:

Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. (...) Afixar o rótulo de “valor humano inferior” a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder como meio de manter sua superioridade social. Nesta situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar a auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo (Elias, 2000, p.24)

A perpetuação do poder simbólico está incorporada no próprio imaginário coletivo. São forças produzidas e reproduzidas pelas estruturas, reafirmando as posições na hierarquia. Para Bourdieu(1930), o *habitus* que mencionei acima diz respeito a um sistema de disposições, formas de sentir, de fazer, de pensar e também de perceber e que, por este motivo, induzem a comportamentos específicos em diferentes situações que envolvem os sujeitos e suas relações sociais.

Assim, o *habitus* é o que conecta o indivíduo à sociedade e é formado pelas condições de existência do mesmo, influenciando em suas formas de agir, compreender e sentir o mundo. O *habitus* pode ser entendido como uma segunda natureza, relativamente independente, uma vez que se encontra historicamente presa ao indivíduo, isto é, vai sendo adquirida ao longo do tempo, sem que o sujeito tenha consciência disso. “É princípio de um conhecimento sem consciência, de uma intencionalidade sem intenção” (Bourdieu, 1930, p.22). A força do *habitus* é exercida sem o controle o sujeito. Desta forma se tornam estruturas interiorizadas e alojadas no indivíduo permanentemente. Tais estruturas geram práticas e representações, que são dinâmicas, autônomas e não necessitam de uma absorção consciente nas duas transformações (Bourdieu, 1930).

A proposta desse artigo é analisar as representações de um agrupamento tipicamente masculino do Facebook, e buscar identificar os valores do grupo, a maneira como interagem e, especialmente, como a CINT pode auxiliar na disseminação e no reforço dos estereótipos contra a mulher. Há uma dominação masculina que, conforme Bourdieu (2004), constitui as mulheres como objetivos simbólicos, colocados em permanente estado de vulnerabilidade e dependência: "Elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivo, atraentes e disponíveis" (Bourdieu,2004, p.82). A seguir, apresentaremos a metodologia e seguiremos para a análise dos dados.

METODOLOGIA

Atualmente no Brasil oito em cada dez⁸ internautas estão conectados ao Facebook⁹. São 107,7 milhões de pessoas que acessam a plataforma através da mediação computador e interagem com outros usuários espalhados ao redor do mundo para fins diversos, nem sempre com intuítos positivos. A partir disso, percebe-se a relevância da ferramenta na vida da sociedade moderna, que agora tem mais um lugar para atuar, mas com características diferentes. Interessa observar como os homens buscam apoio masculino na comunidade denominada de Apenas Homens 3.0¹⁰. A escolha da página foi arbitrária, levando em consideração o tipo de socialidade estabelecida no interior da comunidade, o conteúdo especificamente masculino e as formas de legitimar e perpetuar a violência simbólica na possível tentativa de manter um espetáculo másculo, com valores e crenças bem determinados, como é o caso da Apenas Homens 3.0. O objetivo é identificar rastros de violência simbólica e dominação masculina manifestados através de interações recortadas das três postagens analisadas. Também interessa demonstrar como a conversação online, apesar de fundamentalmente escrita, possui características bem próximas da comunicação face a face, além de servirem como suporte para que ocorra uma manipulação digital do *self*, ajustado ao espetáculo virtual e limitado às características da ferramenta, neste caso o Facebook.

A descrição da página já se mostra sugestiva. A missão consta na descrição: “Ajudar a todos os membros, mantendo o respeito e a educação são nossos principais princípios, e são aplicados antes de tudo. Trabalhar todas as bases para ajudar na formação de um homem de verdade, ajudando em seu desenvolvimento pessoal, dando dicas sobre sedução, desenvolvimento profissional e social, saúde, nutrição, fitness, finanças, emprego, empreendedorismo. Enfim, de todas as formas que te levem a se tornar um líder.”. A página parece funcionar como uma fonte de apoio mútuo entre homens que buscam manter uma visão naturalizada sobre mulher e sobre a ação masculina diante deste “objetivo” feminino. São 46 mil curtidas, 148 avaliações que deixam a página com conceito 4,8 de 5 estrelas¹¹. Trata-se de um agrupamento ativo e oferece insumos para todas as questões que se quer tratar aqui. Feito o recorte da página do Facebook, três postagens foram escolhidas para análise, juntamente com suas respectivas conversações, respeitando o espaço de tempo de 27 de junho a 05 de julho de 2015. Veremos cada uma separadamente.

⁸ <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2014/08/22/Facebook-tem-89-milhoes-de-usuarios-no-Brasil.html> (Acesso em 06/07/2015)

⁹ www.facebook.com

¹⁰ www.facebook.com/pages/Apenas-Homens-30

¹¹ Até o momento da coleta em 05/07/2015

POSTAGEM 1: DIREITOS ESTEREOTIPADOS



Postagem 1: 940 curtidas, 225 compartilhamentos e 44 comentários

Discurso 1: “Mulheres lutando pelo seu país, Israel, onde o alistamento é obrigatório a todos, dignas de respeito.” **Discurso 2:** “Mulheres querendo chamar atenção.”

Figuras 1,2,3,4 e 5: Comentários coletados da Postagem 1.

A Postagem 1 mostra duas situações em que três mulheres diferentes aparecem em uma possível “luta por direitos”. A imagem superior já explicita que trata-se de mulheres israelenses que, assim como os homens, precisam ser alistadas para defender seu país. A imagem inferior mostra, com letras ainda maiores, o Discurso 2, onde um trio de feministas, aparentemente, exhibe as axilas sem depliar. Justifico que são feministas pois há reflexões sobre a naturalidade dos pelos nos corpos¹², tanto masculino quanto feminino, defendidos pelo movimento, o que dá indícios de quem poderiam ser essas mulheres. Outro motivo que leva a considerar as três mulheres da imagem inferior como integrantes do movimento feminista é a correlação que se estabelece entre “a luta pelos direitos”, legítimos na imagem superior e minimizados na inferior. São seis mulheres que parecem estar batalhando por uma causa e são comparadas por isso por atores que estão confortavelmente estabelecidos (Elias,2000) e por isso exercem o poder simbólico com mais eficiência.

A Postagem 1 mostra o que também disse Bourdieu (2004), que as mulheres estão submetidas a uma dominação masculina que fixa o sexo oposto¹³ como objetivos simbólicos. Talvez por isso a comparação, o *habitus* que concede ao homem o poder

¹² <http://mulher.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2014/05/13/em-nome-da-liberdade-de-escolha-mulheres-decidem-nao-depilar-o-corpo.htm> (Acesso em 06/07/2015)

¹³ Vale lembrar que nesse mesmo livro, para Bourdieu (2004), os homens também são dominados.

superior está naturalizado e por isso duas “tipificações” de mulher criada pelos próprios homens, que é definido o que uma mulher que deseja igualar seus direitos com os dos homens deve fazer e o que é considerado como mera falta de atenção. Além disso, nada impede que o trio da imagem superior também esteja sem depilar as axilas, esse é um detalhe que não aparece na imagem. A legitimação do homem como superior e da mulher com pelos nas axilas como desviantes, fora do que se espera do “padrão feminino”, não é realizada somente pelos homens, contabilizando cinco compartilhamentos da Postagem 1 feitas por perfis femininos no Facebook. Isso demonstra, os valores dos atores (Recuero, 2009) manifestados em suas próprias conexões, que agora podem ser visualizadas devido às características (Recuero apud Boyd, 2009) particulares da CINT. Nesse caso, as cinco mulheres (que utilizaram o modo público) que compartilharam a Postagem 1, consideraram uma informação tão relevante a ponto de trazê-la para seu espetáculo pessoal, que ocorre paralelamente à página. Sem legenda, presume-se que há consentimento total no que diz respeito ao conteúdo, e é esse o caso. Em geral, os compartilhamentos da Postagem 1 não manipularam o discurso da página para adequar à sua representação digital (Lemos, 2000), já que só replicaram o conteúdo e não acrescentaram poucos dizeres.

Na Figura 1 é possível ver a legitimação feita por um perfil feminino, afirmando com letras garrafais que “J A M A I S” seria representada pelo movimento feminista. A violência simbólica e dominação masculina (Bourdieu, 1938, 2004) ganham respaldo, então, na própria mulher que faz questão de incluir tais valores na sua representação do *self* online, como um valor intrínseco à sua personalidade. Chamou atenção o tipo semelhança no conteúdo dos comentários que apresentaram termos como “nojentas”, “imundas”, “sapatonas”, “gordas”, “lésbicas” em muitos comentários (Figura 1, 2, 3, 4 e 5). São termos que até então não haviam sido utilizados, suscitando, assim, novos focos de violência simbólica (Bourdieu, 1930). Enquanto as três israelenses foram aplaudidas por lutarem pelo país como os demais homens, as feministas que mostram suas axilas com pelos foram reduzidas e qualificadas como percebe-se nas figuras. Os termos em comum podem revelar o sentimento de pertença, a unidade do grupo em relação a valores mútuos e afinidades. Como Maffesoli (1984) afirmou, não há uma moral universal e sim uma espécie de *ethos* sustentado pelas diversas máscaras contemporâneas e específicas de cada agrupamento. Neste caso, o pano de fundo do espetáculo é sempre determinado pela superioridade do homem, nem que isso seja demonstrado em uma sutil comparação em um post de Facebook.

POSTAGEM 2: VALORES (DES)ENCOBERTOS

A Postagem 2 é no mínimo polêmica. Trata-se de um vídeo curto em que o deputado federal Jair Bolsonaro¹⁴, famoso pela sua postura conservadora, desafia a entrevistadora a fazer uma enquete ao vivo para ver se o público concordava ou não com os valores por ele reproduzidos. O deputado deixa sugerir que as demais pesquisas encomendadas são imprecisas, pois ele – como modestamente afirmou – é o que o povo quer. Bolsonaro é assunto frequente na mídia e geralmente choca com suas ofensas explícitas, um exemplo disso é a indenização de R\$150 mil¹⁵ por homofobia estipulada pela 6ª Vara Cível do Fórum de Madureira, onde foi defendido que o deputado não pode simplesmente agredir e humilhar os outros e ignorar os princípios de igualdade e isonomia. São muitos os exemplos e que não se resumem apenas às polêmicas brasileiras, fazendo com que suas declarações fossem repudiadas inclusive por veículos de informação estrangeiros, como o *Le Monde*¹⁶, que chamou o deputado de homofóbico, misógino e racista.

Observa-se como o vídeo gravado no programa “Mariana Godoy Entrevista”¹⁷, na RedeTv!”, em que o político se diz um exemplo para a sociedade e chamou a Secretaria de Direitos Humanos de lixo, que só defende vagabundos, parece representar os usuários. Os valores exaltados pelo deputado são apoiados pelos usuários que, inclusive, categorizam Bolsonaro como um mito, isto é, de acordo com a definição do Dicionário Michaelis¹⁸, uma espécie de (semi) deus, uma utopia que relata a história dos heróis da Antiguidade pagã. Há violência simbólica (Bourdieu, 1930), de uma forma geral, em toda a composição da Postagem 2. Há legitimação dessa violência através das curtidas, compartilhamentos e principalmente comentários.

¹⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Jair_Bolsonaro

¹⁵ <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/bolsonaro-e-condenado-a-pagar-r-150-mil-por-homofobia>

¹⁶ <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/12/bolsonaro-choca-jornal-frances-le-monde-homofobico-misogino-e-racista/> Acesso em 06/07/2015

¹⁷ <http://www.infomoney.com.br/mercados/politica/noticia/4142901/bolsonaro-nao-falo-que-povo-quer-ouvir-sou-que-povo> Acesso em 06/07/2015

¹⁸ <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=mito> Acesso em 06/07/2015



Postagem 2: 409 curtidas, 43 compartilhamentos e 27 comentários



Figuras 6 e 7: Comentários coletados da Postagem 2

Discurso 1: “É o único político que diz, o que o povo brasileiro quer falar e ouvir, ou seja a verdade.....”

Nas Figuras 6 e 7 é possível observar exatamente o que Hilgert (2006) especifica em sua comparação da CINT e CFF, onde apesar da mediação do computador determinar a escrita como base para a conversação, ela também apresenta características da fala, como Koch e Oesterreicher (1994,1990, 1985) definem como manifestação fônica X manifestação gráfica, como o “Vixi” e o “hein” da Figura 6 e a negociação de contexto + discurso através do emoticon¹⁹ feliz e do texto falado “mizeravi”. Também é possível ver a apropriação das características oferecidas pelo próprio Facebook, como o fotocomentário com “mito” escrito. Também mostra as dificuldades da CINT, uma vez que a ferramenta interfere diretamente na conversação, como é o exemplo do usuário que não consegue compartilhar a Postagem 2 e busca auxílio no grupo. Lembrando que o compartilhamento, nesse caso, parece ser uma das formas mais significativas de legitimação e naturalização da dominação masculina e do trabalho em preservar estigmas socialmente estabelecidos e hoje amplamente questionados.

Transmitir esses valores e agregá-los ao teatro pessoal, ou melhor, à manipulação digital (Lemos, 2000) do self parece ter valor para esses usuários que ajudam a perpetuar esse tipo de informação na rede e de torná-las passíveis de serem buscadas, replicadas e difundidas em larga escala(Boyd apud Recuero, 2009) pelos atores do teatro virtual, que demonstra ter suas complexidades específicas, impostas pelo meio em que são veiculadas, o Facebook no caso deste artigo.

¹⁹ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>

POSTAGEM 3: ESTIGMA DE HONRA

Por fim, a Postagem 3 foi feita quando o casamento gay foi legalizado nos EUA²⁰, fato histórico que gerou grande repercussão na mídia e especialmente nos sites de redes sociais como o Facebook. Em meio a uma grande onda de apoio ao movimento LGBT, é claro, não podiam deixar de surgir as opiniões divergentes. Rachel Sheherazade é conhecida por suas declarações ousadas, como a “campanha adote um bandido”²¹ que foi feita pela jornalista durante a apresentação do principal telejornal do SBT, o SBT Brasil²², no qual é âncora ao lado de outro jornalista. Como é característico, Sheherazade se mostrou contra o casamento gay, alegando que para ela casamento é entre homem e mulher.

Seria possível apontar a Postagem 3 a partir de diferentes ângulos, lançando um olhar especial à questão de gênero, mas não é o caso. Aqui, importa o tipo de violência simbólica legitimado (Bourdieu, 1930) e reforçado por uma mulher influenciadora de opiniões. Os valores que Sheherazade reverencia são tão conservadores e recheados de estigmas como os da página Apenas Homens 3.0 e interferem diretamente na socialidade estabelecida entre os membros desta comunidade. Observa-se que a legitimação acontece somente quando o usuário esclarece sua dúvida e se mostra de acordo com a “ética da estética” imposta pelos demais, o *ethos* que define a moral e os princípios do agrupamento e que parece auxiliar na representação e manipulação digital do *self* dos atores (Figura 8) que é apontada na Figura 8. Aliás, como a própria descrição da página afirma, ajuda os homens a se tornarem verdadeiros homens, a montarem seu show virtual com as diferentes máscaras que consideram adequadas e dão manutenção aos valores culturalmente estabelecidos, que hoje tentam ser desconstruídos com ideais que são estigmatizados e minimizados por um grupo que, querendo ou não, ainda parece estar em uma posição mais confortável (Elias, 2000) do que as mulheres, mesmo com os avanços e conquistas que desde sempre eram para ser consideradas como direitos.

A Postagem 3, por sua vez, define enfaticamente o tipo da verdadeira mulher de honra pelos olhos dos líderes da página, que frequentemente se identificam e delimitam suas contribuições nos posts com uso de *hashtags* junto ao nome, como é o caso da #Otton. Também se pode identificar a troca de turnos de que Hilgert (2006) falava, além das adaptações contextuais e as indicações do texto falado.

²⁰ <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/06/1648129-em-decisao-historica-estados-unidos-legalizam-casamento-gay.shtml> (Acesso em 06/07/2015)

²¹ https://www.youtube.com/watch?v=p_F9NwIx66Y (Acesso em 06/07/2015)

²² <http://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/> (Acesso em 06/07/2015)



Postagem 3: 575 curtidas, 28 compartilhamentos 13 comentários

Figura 8: Comentários coletados da Postagem 3

Discurso 1: “EUA aprovam casamento gay” **Discurso 2:** “Não tenho preconceito eu tenho conceito definido. Não aprovo o casamento homossexual. Casamento pra mim é homem com mulher” **Discurso 3:** “Isso sim é uma mulher de honra!! #Otton”

A CINT acontece quase que simultaneamente, resultando na legitimação final do conteúdo a partir de um acordo “implícito” entre ambos os usuários. Enquanto o usuário que não foi capaz de identificar a mulher de honra tem sua dúvida solucionada por outro membro da comunidade, demonstrando o apoio quase que imediato da comunidade, ele precisa adequar seu posicionamento aos valores da página para que o capital social (Recuero,2009) seja efetivamente trocado. Grosso modo, parece que há um acordo entre os dois usuários, um só o acolhe em sua tribo se o outro reforçar o valor determinado. Os dois legitimam e criam outras pequenas violências (o fato de um usuário ter que ajustar seu discurso para conseguir apoio e reconhecimento social na CINT também é uma maneira de dominação, por exemplo) que são grandes demais para serem tratadas nesse trabalho, mas que devem ser destacadas e levadas em consideração.

CONCLUSÃO

Tudo isso parece muito complexo pra quem só queria representar o *self* perfeito em um espetáculo virtual. Com Hilgert (2006), percebeu-se que a CINT exclui a possibilidade dos “assaltos de turno”, já que a organização da conversação é necessariamente organizada pela ferramenta. Tais intervenções, na CFF, atuam como uma espécie de tempero nas trocas conversacionais. Por não haver sobreposição de vozes, adquire-se imunidade nem que seja na hierarquia das trocas de turno. Tudo é rigorosamente organizado pela ferramenta. Nesse sentido, menos um possível artefato de violência. São ônus e bônus que distanciam e aproximam a CFF da CINT como influenciadoras na formulação de um enunciado (Hilgert, 2006). Na rede existem cada vez mais maneiras de mensurar, tipificar, qualificar e discutir essas interações. Não basta protagonizar um belo papel de herói perante a plateia – que pensa que se conhece – enquanto dispõe informações que seriam parte dos “bastidores” (Goffman, 1973) do vilão, denunciando o nível de envolvimento com os outros atores e o

valor agregado (Recuero, 2009) e despendido de cada conversação, com indícios de ideologias e não raras vezes, com defesa de estereótipos e reprodução de estigmas (Bourdieu, 1930) nesse caso diretamente ligada à imagem e representação da mulher e da dominação masculina que insiste em ser perpetuada – agora com o suporte da internet – entre as relações sociais. Os usuários da página Apenas Homens 3.0 parecem ancorar suas representações em valores enraizados e naturalizados nas relações, como o de que o papel da mulher é para ser conservador, ou, como já foi mencionado, para trabalhar e cuidar da casa, cumprir seu papel de reprodutora e criar os filhos, herdeiros que eles, os homens de honra continuem exercendo o seu papel de superior na posição mais elevada e confortável (Elias, 2000).

Esse tipo de visão também é reforçado pelas próprias usuárias com perfis femininos que apoiam claramente os valores da página. Sim, elas acreditam que a mulher é objetificada (Bourdieu, 2004) pelo homem, mas que, de acordo com os discursos analisados, não deve rebelar-se, apenas continuar representando os papéis socialmente traçados e determinados pela cultura e pela sociedade. É como se fosse uma coisa normal, estabelecida e que não tem necessidade de ser questionada. A CINT, portanto, mostra-se como um mecanismo essencial para a construção e manipulação de representações online do self, o que nem sempre é entendido como deveria ser. Por isso é relevante entender como os indivíduos utilizam as opções de cada ferramenta para moldar seu papel na rede. Esse papel não é único, embora seja representado por apenas um ator. Os contextos são negociados e os turnos organizados pelo suporte da rede analisada, o que evita uma possível sobreposição de vozes e amplifica a discussão em larga escala. Observar esses fenômenos de socialidade (Maffesoli, 198na internet pode ser um meio interessante para apreender os valores e capital social negociado na rede, assim como é preciso negociar a atenção na CFF. O problema é que na internet qualquer um é protagonista, ou melhor, todos parecem querer ter um destaque especial no palco central. Na rede ninguém fura a fila, todos têm a sua vez e isso é simultâneo. Mesmo com auxílio do Facebook para não haver sobreposição de vozes, há sustentação e replicação de valores historicamente determinados em relação a representação da mulher e a voz conservadora é a que se sobrepõe às outras, faz

Observou-se através das três postagens que aqueles usuários que não estavam dentro dos valores estabelecidos pela socialidade desta comunidade não foram aceitos e nem tiveram seus discursos legitimados pelos demais. Isso pode ocasionar situações em que, para

manter o pertencimento ou pelo menos o sentimento de pertença ao grupo, o ator constrói sua representação com base em outros tantos estigmas e que talvez nem seriam agregados ao ator, isso se não houvesse a aparente necessidade de posicionar-se diante dos assuntos polêmicos, como foi visto nas três postagens analisadas. São pequenos descuidos que contribuem com a identificação do sujeito na rede que não conta com o suporte dos bastidores (Goffman, 1973) e precisa representar-se permanentemente, não descuidando e mantendo sempre a coerência entre os papéis que desenvolve socialmente em CFF, a sua manipulação digital (Lemos, 1997) do *self* e ainda reproduzir valores da página para ser aceito e, enfim, ter jogo de cintura suficiente para não sobrepor nenhum papel e, desta maneira, não comprometer nenhuma das múltiplas máscaras (Maffesoli, 1984) utilizadas para o espetáculo das práticas cotidianas que, como apontou (apud Lemos, 1997), é baseado em um ambiente violento que não tem pretensão nenhuma de manter uma homogeneidade entre os atores, como é o caso da página analisada, que determina claramente a hierarquia e os valores daquela socialidade que devem ser obedecidos para que haja qualquer tipo de pertencimento, de aceitação. Se a conversação online persiste, reverbera e potencializa o conteúdo (Boyd apud Recuero, 2009). E se, além de tudo isso, ainda é necessário negociar contextos para que as interações e trocas de turnos aconteçam, a “manipulação digital do espetáculo” (Lemos, 1997) parece nunca ter precisado tão sofisticada assim. Não basta fazer a troca de papéis e ir dançando conforme o espetáculo. A CINT e os valores reproduzidos no seu interior parecem ser bem mais complexos do que isso.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1930
- _____. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**, Rio de Janeiro, Zahar, 2000.
- GOFFMAN, E. *La mise en scène de la vie quotidienne*. Paris: Minuit, 1973.
- HILGERT, José Gaston. **A construção do texto "falado" por escrito: a conversação na internet**. Disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Publicacoes/gastontexto01.pdf (Acesso em 06/07/2015)
- LEMONS, A. **Ciber-socialidade: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt_and3.htm (Acesso em 06/07/2015)
- MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- RECUERO, R. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5309/387> (Acesso em 06/07/2015)